

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

C. M. B. BIBLIOTECA



Director honorário:
M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - Rlc

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva



O filme visto de dentro para fora e de fora para dentro, ou, técnica aparente e real e espectáculo humano e fantástico.

Alguns resumidos apontamentos

SE quisermos, a partir de postulados diversos, criar vários sistemas "inteiramente distintos uns dos outros, mas igualmente lógicos"... podemos fazê-lo.

"Simplesmente, dentre todos os sistemas lógicos, que estabelecermos, apenas um corresponderá à realidade verificável pelos nossos sentidos, no mundo em que vivemos".

Assim, falar do cinema italiano ou do americano, pressupõe, resulta em nós, uma ideia comum: técnica e arte.

Porém, entrando no sector especulativo e verificando o desempenho de um filme, a sua técnica, a sua arte, a sua beleza, teremos evidentemente de nos referir, a cada parte, para, só depois, generalizarmos o filme no seu todo.

No nosso caso, aliás, tão oportuno como actual, só nos compete, falar superficialmente da arte cinematográfica muito por alto. É o que vamos fazer e o mais resumidamente possível.

Logo de início, quando vamos ver um filme há na nossa mente uma ideia: o assunto do filme. Se este se enquadra na nossa sensibilidade não receamos ver o filme, nem que no seu final nos surja uma desilusão.

Se, porém, um filme se rotula de determinada forma e aparece de outra, evidentemente que ficamos desapontados pela maneira especulativa e, de certo modo pouco honesta, com que o filme nos é anunciado.

Um filme surge-nos como a essência duma obra, como re-

sumo de alguma coisa que valha a pena ser vista.

Do mesmo modo que um livro só é bom, ou só nos interessa quando se lê e se compreende, quando se compreende e verifica que a sua leitura deixou na nossa inteligência algo de interessante e que perdurará pela vida fora, como consequência de um interesse crescente pelos ensinamentos que em nós deixou.

Do mesmo modo, um filme, que é uma linguagem audio-vi-

(Continua na página 2)

O PROBLEMA HABITACIONAL

JÁ várias vezes nos temos ocupado da momentosa questão que é o PROBLEMA HABITACIONAL.

Hoje, porém, a oportunidade para voltarmos a ventilar o mesmo assunto, surge vaticinada pela acção e queremos acreditar que o problema das casas económicas para as classes trabalhadoras tem o apoio imediato e interessado do actual Ministro das Corporações, Dr. Veiga de Macedo, que, de há muito, tem dedicado o melhor do seu carinho a este problema de transcendência social e cada vez mais oportuno.

O problema, na sua fomentação inicial, foi focado há bem pouco tempo e mereceu das entidades relacionadas com o assunto o desejo dum maior incremento no investimento dos capitais provenientes da Federação das Caixas de Previdência.

Sabemos que o Snr. Dr. Veiga de Macedo já tomou determina-

das medidas para levar a cabo tão grande como justa obra. Oxalá que a palavra se conjugue com a sua costumada acção para transformar em realidade palpável o sonho acalentado por todo o operário português.

*

Os homens que se encontram à frente dos destinos das populações têm, hoje mais do que ontem, de encarar, com firmeza e voluntariosa energia, o bem estar e o melhor nível de vida da grande massa trabalhadora, disciplinada e boa, fomentadora de riquezas e digna, com justiça, dos maiores cuidados, dos maiores carinhos e merecedora, portanto, de todos os privilégios afectos à dignidade humana.

*

É preciso que o problema das realizações tome forma volumosa e se enquadre ao longo das populações menos protegidas e, particularmente nas cidades que, como Barcelos, vêem o seu índice demográfico aumentar assustadoramente.

A justificação das nossas palavras está não só nas estatísticas mas também nalgumas das diversas vielas que formam o aglomerado barcelense. Basta ir à rua das Capelas e observar meia dúzia de cubículos onde a luz do Sol não entra e onde falta tudo que a higiene mais elementar aconselha. Nessas casas, humildes tugúrios, onde se nasce, vive e morre, reina, tantas vezes, uma promiscuidade aflitiva, que é filha imediata da falta de espaço habitável.

O Bairro Dr. Oliveira Salazar, embora de grande interesse e de inegável oportunidade, não é suficiente para o aumento constante de população e não justifica que se destrua imediatamente o amontoado de pardieiros enquanto se não edificarem casas bastantes capazes de acomodar dignamente o grande número de

Quase uma resposta

*A carta que escreveste a delirar
Nimbada de perfume e suavidade
É um círculo envolvente de ansiedade
Num êxtase que vibra sem findar.*

*Dar-te um conselho! eu? nem a brincar!
És bela, és jovem; tens da mocidade
A tua fé em Deus, que é a verdade
Na esperança radiosa do teu lar.*

*Em breve serás noiva e companheira
De afectos e sorrisos com espinhos
(Não julgues o amor dessa maneira).*

*Sê sempre afectuosa aos pobrezinhos
Nos rumos deste mundo e com canseira
E só depois terás outros carinhos.*

A. B.

operários que a cidade de Barcelos alberga nos seus muros.

Porém, o problema avoluma-se assustadoramente e as casas habitáveis não estão ao alcance de qualquer operário e mesmo essas escasseiam. Tudo isto leva a concluir, sem demorada reflexão, que Barcelos tem construído muito pouco.

As casas que o operário habita presentemente não têm, como dissemos, um mínimo de conforto, a indispensável higiene e são, de uma maneira geral, como se prova facilmente, perigosos focos de algumas doenças infecto-contagiosas.

Urge, pois, acarinhar, com toda a grandeza de alma, este magno problema que aflige e apavora alguns chefes de família operários.

A dignificação da família está tantas vezes, no ambiente do lar. Mas se esse ambiente for triste e desolador a vida da família recebe esse contágio, que aumentará, dia após dia, principalmente nos dias da falta de trabalho onde o pão e a saúde escasseiam.

Nós sabemos, de certo modo, que os fundos da previdência não constituem valores inertes e são susceptíveis de aplicação mediante taxas determinadas e tecnicamente controladas. Pois bem! Em face dessas determinantes procure-se uma constru-

ção simples, airosa, higiénica; mas que mereça uma renda acessível compatível com o salário médio da massa trabalhadora.

Evidentemente que não queremos dar leis nem alvítes; mas temos direito, na qualidade de pessoa humana, de formularmos hipóteses e sugestões trazendo à luz da publicidade um assunto que deve merecer de toda a gente o maior respeito e carinho.

Como é que um operário ganhando vinte ou vinte e cinco, até mesmo trinta escudos, por dia, poderá pagar no fim do mês, sem prejuízo imediato à saúde, uma renda que lhe absorva o numerário necessário a uma alimentação normal?

Deixemos por alguns anos a edificação luxuosa e cuidemos, um pouco, da construção de blocos residenciais acessíveis à bolsa vulgar do operário médio.

E só assim, o problema, poderá ser encarado com optimismo e interesse, porque só assim beneficiará uma classe digna desse cuidado e desse interesse.

Evidentemente que o problema da classe média é aflitivo também; mas por agora só nos ocupamos do que se refere essencialmente à classe trabalhadora, nomeadamente à que trabalha nas fábricas e oficinas.

A. B.



(Continuação da página 1)

sual, se não tiver no seu argumento algo que valha a pena reter e meditar, algo de humano e de actual, de palpitante interesse, o filme, saturará a assistência porque não dará a esta uma solução concreta, isto é, não lhe mostrará aquele ambiente qualitativo e quantitativo que formam o equilíbrio do filme ao longo duma técnica de reprodução universal.

«O filme aparece-nos, portanto, como uma síntese do original e sua reprodução. E simultaneamente ambas as coisas e uma delas não pode separar-se da outra. Este conceito verdadeiramente revolucionário, talvez se compreenda mais concretamente com um exemplo.

Escolhamos um filme qualquer, seja «O VELHO MOINHO», de Walt Disney. Se nos fosse dado observar os próprios quadros pintados (originais) ve-

ríamos uma série enfadonha de pinturas estáticas, que nos dariam apenas uma impressão puramente plástica. Impressão semelhante teríamos se observássemos nas nossas mãos a película onde essa série de pinturas se encontra fotografada. O valor integral desse conjunto, como obra una, — sensação cinematográfica — só o perceberíamos se fizéssemos projectar a película. Quer dizer, um filme é feito especialmente para a reprodução e só tem sentido como obra filmada no próprio momento de ser projectado. Deste modo, todas as cópias de um filme são originais».

Porém o gosto pelos filmes varia de indivíduo para indivíduo e, mais particularmente, de idade para idade.

Há quem goste dos filmes italianos e eu estou nesse número pelo que nos mostram de humano, de verdadeiro e de actual. Há quem se sature com os quadros dos filmes italianos por nos mostrarem demasiadamente ao nú o palpitante de um mundo que vive e sofre, lutando por conquistar um lugar ao sol.

Há quem não admire os filmes italianos porque ainda não encontrou neles o equilíbrio técnico o *savoir faire*, que os americanos, de há muito souberam mostrar.

Porém, aos americanos faltam-lhes o que sobra aos italianos: «o temperamento latino, cheio de uma história rica, que conduziu o artista italiano a adquirir uma autonomia expressiva, porque humana e realista». Eis, portanto, a grande virtude dos filmes italianos.

«O novo meio de expressão universal resulta de tudo aquilo que transcende o indivíduo ainda mesmo quando desce aos antros relacionados com o primitivismo modo de viver e se difunde numa metamorfose que ultrapassa a superficialidade».

María Clara

Barcelos, 1955

Cumprimentos

Apresentou cumprimentos Gerência da TEBE e à Direcção do «Boletim Social da TEBE» o Ex.^{mo} Sr. Alvaro Vieira de Almeida que se fazia acompanhar de sua querida esposa Ex.^{ma} Sr.^a D. Ilda Marques Santos Almeida, de sua filha, D. Maria Celeste dos Santos Almeida.

É SENHOR DA SUA VONTADE?

HÁ pessoas que conduzem a sua existência da forma que escolheram, a despeito de todos os azares; outras deixam-se arrastar e mesmo sacudir por todos os remoinhos da vida. É o leitor deste ou daqueles? Estes oito pontos ajudá-lo-ão a ver claro:

- 1.º — Decidiu obrigar-se a um pequeno esforço quotidiano, tal como um quarto de hora de cultura física pela manhã, ou redacção do seu diário. Foi capaz de o fazer:
 - a) durante três dias
 - b) durante seis meses
 - c) sem limite de tempo
- 2.º — Fixou uma hora para se levantar:
 - a) marcou o despertador dez minutos mais cedo «para dar tempo»;
 - b) marcou para a hora... e tornou a adormecer;
 - c) saltou do leito logo que a campainha principiou a tocar;
- 3.º — Tem o hábito de fumar 20 cigarros por dia. Decidiu não fumar mais do que dez.
 - a) conseguiu-o (para seu bem!);

- b) oito dias depois tornou aos 20 cigarros diários;
 - c) estabeleceu-se nos 15 cigarros por dia.
- 4.º — Uma dificuldade surgiu no seu trabalho.
 - a) Pensou: «Isto irá melhor amanhã».
 - b) esforçou-se por vencê-la;
 - c) Renunciou ao trabalho.
 - 5.º — Um dos seus amigos quer levá-lo a um desafio de «football». O leitor quer levá-lo ao cinema.
 - a) Vão ambos ao cinema
 - b) vão ambos ao futebol
 - c) vai cada um para seu lado.
 - 6.º — Deram-lhe 300\$00.
 - a) aproveitou para comprar o isqueiro que tanto ambicionava.
 - b) guardou-os para comprar um fato, de que tem absoluta necessidade, logo que tenha a quantia suficiente.
 - c) comprou uma camisa cuja côr o seduziu.

- 7.º — Se vai à feira, a sua distração favorita é:
 - a) o circo
 - b) a montanha russa
 - c) o baloiço que faz «looping».
- 8.º — Tem um trabalho urgente a executar. Um amigo vem buscá-lo para sair.
 - a) Recusou.
 - b) aceitou.
 - c) convence-o a que fique a ajudá-lo.

Faça agora as suas contas: Às respostas 1c, 2c, 3a, 4b, 5a, 6b, 7c, e 8c valem cada uma 2 pontos.

As respostas 1b, 2a, 3c, 4a, 5c, 6a, 7b, e 8a, valem cada uma 1 ponto.

Se o leitor consegue (com absoluta isenção!) a soma de 13 pontos ou mais, pode considerar-se voluntarioso «a valer».

De 9 a 12 pontos, não está nada mal. Possui a vontade necessária para vencer sem ser «desumano». Continue assim que vai bem.

De 5 a 8 pontos... cuidado! muito cuidado! Deve esforçar-se por não ser Joguete das pessoas e dos acontecimentos.

De 4 pontos para baixo... é melhor não pensar nisso. É caso liquidado!

JAIME FERREIRA



República das Letras

Pelo Dr. Alfredo Guisado

«Rumos» de António Baptista

Suponho que se trata de uma estreia literária. Uma estreia literária de bom auspício para o autor. Ou eu me engano muito ou está ali, no futuro um grande poeta.

Escolhendo o bordão de um modernismo calmo, iniciou a sua caminhada na vida poética, caminhada difícil que é preciso ladear de uma sincera e de uma grande espontaneidade para se conseguir o apêndice triunfo. É António Baptista que se prefacia a si próprio e fez bem. Quem se convença de que é capaz de tomar uma determinada directriz não necessita de amparo nem de muletas como sucede com alguns. Estes supõem que, desde que se acolheram à protecção de um nome consagrado que lhes faça o favor de, num prefácio mais ou menos longo, os elogiar, e rodear de palavras amáveis, vencem imediatamente e passam a ser o que querem. Nada menos certo e menos de aconselhar.

Quem, imparcialmente queira dar a sua opinião sobre um certo trabalho literário que, para esse fim, lhe enviaram não cuida de saber o que tal prefaciador diz. Apenas se guia pelo conteúdo do volume que tem em sua frente para apreciar. Não há melhor recomendação do que o talento. Esse impõe respeito a quem quer que seja. Não digo que não haja certos indivíduos que se convenceram de que são críticos e que passam a elogiar os amigos mesmo que nada valham, que, por vezes, não sejam justos nas suas apreciações, mas isso por ser uma excepção, não modifica a regra geral. Pelo contrário. Ora António Baptista que me parece sincero quando escreveu o seu prefácio e quando estes poemas são parte viva dos seus sentidos, foram escritos com a experiência e com a alma no amargor da luta pelo pão de cada dia e são rumos dos seus passos. Acredito porque nas suas poesias se adivinha sentir o que nos vai dizendo e assim o confessa nesta quintilha:

Mas o meu corpo será,
finalmente, tão humano,
duma oscilante verdade,
tal o sangue é no meu corpo
uma constante saudade.

PALHAÇOS

Poema em prosa de António Baptista

Se a vida buscasse em mim os tempos que eu vivi quando brincava em menino... Ail... tudo era diferente: o riso, a luz, e... o luar... os trapézios do circo, os cavalos e os palhaços. Ail tudo era diferente... O mundo era uma promessa e eu pasmava de alegria... E quando os tambores ru-favam a anunciar o circo eu ria, ria... e sonhava. Sonhava alto... muito alto. Como adorava os palhaços! O circo, a luz, os trapézios... tudo aquilo era alegria, e o mundo, por vezes, vinha envolto de expectativa. Os meus olhos perdiam-se e fechavam-se... Depois a música embriagava... e os palhaços, contentes, faziam rir de verdade e riam, riam connosco... E eu ria, ria dos palhaços. Batia as palmas... Inocente — julgava o mundo no circo e ficava-me a sonhar... a sonhar. E hoje, o circo, mais complicado e veloz é um desespero real de fantasias burlescas.

Os palhaços são reais, mais artistas e velhacos, cobrindo a alma de trapos, tão nojentos e ascorosos, que fazem sofrer, sofrer...

Os outros palhaços eram só palhaços simplesmente. Mas os de hoje, os deste circo, a que chamo humanidade, são murmúrios reflectidos duma espessa falsidade. Ah! A escuridão rasgou dos meus olhos de menino a visão imperturbável da segurança do circo.

Que o meu grito infantil, sonâmbolo de vozes, seja o instante propício que vos leve, por momentos, ao longe soluçante, que os anos arrastaram... e seja, enfim, a invocação duma notícia encontrada.

Do livro em preparação «Distância impossível»



As combinações de nylon TEBE, de duração quase eterna, mantêm a linha em toda a sua extensão. Por essa razão, as senhoras de requintado gosto, não querem outras.

nestas colunas que se pode ser um poeta lírico sendo modernista. Basta que seja verdadeiramente um poeta. O Autor anuncia para breve mais dois volumes de versos.

Esperamo-los.

Alfredo Guisado

(Crítico literário da «República»)
Lisboa, 6/19/55

Livros Publicados

O Brasil publicou, últimamente, os seguintes livros:

«Dostoievski», de Stanislaw Mackewicz, traduzido e anotado por José da Natividade Gaspar; «Caminho escabroso», de Georges Duhamel, na «Coleção Miniatura».

Marta Mesquita da Câmara, consagrada poetisa, publicou, agora, «Era uma vez...», um livro de histórias para as crianças.

Foi posto à venda o livro «Luar de Janeiro» do poeta Augusto Gil.

O que se publicou últimamente: «Janelas proibidas», romance por Carmen de Figueiredo; «A vida é eterna», romance de Augusto Navarro; «Nós e a criança» por Ilse Losa; O Vale de Penacova», de Eugénio Moreira; «História do menino indiscreto», de Cruz Pontes; «Medicina e Literatura», por Jorge Crespo; «Um rapaz às direitas», por Odette de Saint-Maurice; «Luar na sombra», de César Teixeira; «Fogueiras de S. João», por Matos Viegas; «Horizonte sem limites», poemas em prosa de João Caldeira do Amaral; «Gente Branca e Gado Negro», romance de Cunha e Sá.

Outro vilancete

Da vida... Não fales nela,
quando o ritmo pressentes.
Não fales nela, que a mentes.

Se os teus olhos se demoram
em coisas que nada são,
se os pensamentos se enfloram
em torno delas e não
em torno de não saber
da vida... Não fales nela.

Quanto saibas de viver
nesse olhar se te congela.
E só a dança é que dança,
quando o ritmo pressentes.

Se, firme, o ritmo avança,
é dócio a vida, e mansa...
Não fales nela, que a mentes.

12/6/46

Jorge de Sena

Para a aproximação das classes devem os detentores da riqueza DAR O PRIMEIRO PASSO

—AFIRMOU, NO DIA 23 DE SETEMBRO, O MINISTRO DAS CORPORAÇÕES

PUBLICA-SE a seguir na íntegra e neste local—pe- las afirmações nele con- tidas—o discurso que o ilus- tre titular da pasta das Cor- porações, Snr. Dr. Veiga de Macedo, pronunciou no pas- sado dia 23 de Setembro no decurso do almoço que ofere- ceu, na Costa da Caparica, aos funcionários superiores do I. N. T. P. e aos dirigentes corporativos, para comemorar o 22.º aniversário da promul- gação do Estatuto do Traba- lho Nacional:

1—Talvez que a comemora- ção do XXII aniversário do Es- tatuto do Trabalho Nacional de- vesse ser aproveitada para se anunciar ao País o conjunto de providências que a Secretaria de Estado das Corporações e Pre- vidência Social espera adoptar, logo que os estudos em curso ou as circunstâncias o permit- tam. Mas julgou-se preferível evitar afirmações que, embora não fossem precipitadas, pode- riam parecê-lo, ao notar-se que ainda não decorreram três me- ses sobre a posse do actual Mi- nistro.

Impõe-se, no entanto, dizer duas palavras, que, pelo seu sentido e conteúdo, possam consti- tuir uma nota viva e autêntica neste momento em que se apro- xima nova fase na vida corpo- rativa portuguesa.

A primeira palavra será sobre alguns aspectos da política so- cial e a segunda sobre Organi- zação Corporativa. Que uma e outra sejam sentidas pelos diri- gentes sindicais e gremiais, e por todos, como verdadeiramente as sentiu quem as meditou, é o voto que se formula quando, como grande família, nos encon- tramos reunidos à lareira dos nossos ideais, em busca de for- ças e de rumos que nos permit- tam prosseguir na conquista de um lugar *ao sol* para todos os trabalhadores portugueses.

2—Estamos firmemente dis- postos a caminhar no sentido das legítimas reivindicações dos trabalhadores, até onde as pos- sibilidades da economia nacional o consentirem. Algumas aspi- rações dos Sindicatos Nacionais foram já atendidas nos últimos meses. Muitas outras se encon- tram em estudo, e espera-se que um bom número delas venha a ter satisfação. A justiça não há-de ser uma palavra vã no nosso vocabulário político e so- cial. Animam-nos os mais sé- rios propósitos de elevar o ní-

vel de vida dos trabalhadores portugueses. Tudo se fará para lhes garantir trabalho, lhes assegurar o pão de cada dia e lhes atribuir uma casa alegre e areja- da, onde a família encontre viver tranquilo e feliz. Iremos até onde for possível, e é nossa convic- ção de que se pode ir bem longe no caminho de melhorar as con- dições materiais e morais dos trabalhadores das oficinas, dos escritórios e dos campos.

«Queremos estabelecer programas de acção»

3—Para tanto, urge definir um equilibrado plano de activi- dades, não vá acontecer que se comece pela satisfação das pre- tensões formuladas pelas catego- rias profissionais mais favoreci- das, em detrimento dos interesses de outras com baixo teor de vida e com aflitivos problemas a re- solver. É que se verifica terem sido precisamente as classes mais beneficiadas pela acção social do Governo as que mais têm feito ouvir a sua voz, por vezes pouco serena, junto do Ministro das Corporações. Ora, nós não pode- mos trabalhar ao sabor do acaso e de caprichos pessoais ou colec- tivos. O nosso estilo de trabalho é muito outro. Queremos esta- belecer, antes de mais, progra- mas de acção, seriando, com cui- dado e com realismo, as ques- tões pela ordem da sua impor- tância ou do seu conteúdo de justiça. Não cedêremos às pres- sões do número e à efervescência injustificada das massas, como não toleraremos processos menos dignos que visem abalar a auto- ridade dos dirigentes ou a criar- lhes embaraços.

Atentos às necessidades dos mais humildes, decididos a estu- dar, escrupulosamente, no plano geral e no local, as questões so- ciais, inclinados, por imperativos de ordem moral e política, a fa- zer nossos os sofrimentos e as dificuldades dos trabalhadores, iremos sem hesitação para a fren- te, com os Sindicatos que tenham a razão pelo seu lado, e saibam mantê-la, nas suas relações com as entidades patronais e com o Governo. De resto, a razão, para se fazer ouvir, não tem ne- cessidade de gritar nem de pro- vocar a inquietação e a agitação nem de recorrer a expedientes condenáveis.

4—Não basta trabalhar. É pre- ciso trabalhar bem, como é pre- ciso não contestar sistemática- mente os benefícios substanciais e multiformes, em que se tem desentranhado a política social do Governo. Não deixa de jus-

tificar sérias apreensões a veri- ficação de que nem sempre as classes operárias reconhecem as importantes regalias concedidas através de uma já vasta legisla- ção e de uma apertada rede de organismos e instituições. Quem se dedica à nobre missão de digni- ficar os trabalhadores e de os defender nos seus interesses pes- soais e familiares não espera nem aceita, agradecimentos. Mas tem direito de exigir que se faça jus- tiça ao esforço desenvolvido, à sinceridade das intenções e à obra realizada, sem paralelo em qualquer outra época.

O que se passa com a previdência

5—O que se passa, por exem- plo, com a previdência é verda- deiramente confrangedor. Há de- ficiências a remediar, faltas a corrigir, reformas mais ou menos profundas a fazer? Ninguém o nega. Nem se voltará a cara aos complexos problemas que o nosso seguro social suscita nesta fase da sua evolução. Mas pode e deve garantir-se, por outro lado, que os protestos e as reclamações apresentadas contra a previdên- cia não têm, na sua grande maio- ria, fundamento sério e consti- tuem produto de ignorância, de leviandade ou de má fé. A obra levada a cabo neste domínio é já hoje, quando se abranje a sua enorme projecção social, uma realidade esplêndida, orgulho e título de glória dos que a ergue- ram, a golpes de energia e de coragem.

A previdência social não é as- sistência pública. Não se lhe pode exigir a prestação de bene- fícios que os seus esquemas não prevêem. Ela não pode dar o que não tem, e o que tem não pode ser aplicado a fins diferen- tes daqueles que constituem a sua específica razão de ser. Os dinheiros da previdência são sa- gradados, porque são suor dos tra- balhadores e porque representam pesado sacrifício para a econo- mia do País. Na sua defesa não se hesitará nem se transigirá.

A previdência tem, como obra nova e extensa que é, muitos de- feitos, mas vistas as coisas com serena objectividade, considera- dos os serviços que vem prestan- do e as dificuldades que tem de vencer, não pode condenar-se. Ela apresentar-se-á mesmo, oportu- namente, perante a consciência sã da Nação, não como ré, mas como queixosa, tantos são os abusos, as fraudes e as injustiças de que está a ser vítima, com grave risco para o futuro dos tra- balhadores. E dir-se-ia que são

os trabalhadores os primeiros inimigos da sua própria segun- rança.

6—Faz-se referência a estes factos para que avultem duas conclusões: 1.ª—Não devemos esconder, sob um falso prurido de modéstia, a obra social reali- zada, até por ser nossa obrigação dar conhecimento ao País dos seus traços fundamentais e do espírito que a informa. 2.ª—De- vemos esclarecer e educar os trabalhadores—para que se in- tegrem nos princípios da acção social do Instituto Nacional do Trabalho e para que fiquem a saber o que são e o que não são a Previdência e a Organização Corporativa, nos múltiplos as- pectos das suas actividades e da sua doutrina.

Só assim se criará no operaria- do a consciência dos seus direi- tos e dos seus deveres e o ver- dadeiro sentido das suas próprias conveniências, acautelando-o dos manobreadores profissionais ao serviço da luta de classes. Com- preender-se-á também, por isso, que a actuação do Ministério se caracterize, de futuro, por uma mais accentuada preocupação de esclarecer, de divulgar e de edu- car. Sem educação não há polí- tica social que resista.

Patrões cumpridores e pa- trões que constituem um perigo para a paz social

7—Porque tem de ser assim, far-se-á mais um ligeiro aponta- mento sobre a questão. Há, gra- ças a Deus, muitas entidades pa- tronais que sabem cumprir o seu dever e que compreendem e acei- tam as medidas tendentes a acau- telar os direitos do trabalho. Serão poucos todos os louvores para o seu elevado espírito de cooperação social. Mas tam- bém há ainda, infelizmente, pa- trões que estão longe de mere- cer a situação que desfrutam. Verdadeiros factores de desedu- cação, pelo exemplo da sua vida, pela injustiça do seu procedi- mento e pela insensibilidade do seu coração, constituem um pe- rigo para a paz social e uma afronta para os que pouco ou nada possuem. A este grupo pertencem alguns homens com alta posição no mundo dos ne- gócios, que procedem como se a lei e os seus executores tives- sem de curvar-se perante o dit- tador ou as suas influências. Pois bem: esses não podem con- tar com a complacência do Mi- nistério responsável pela protec- ção do trabalho. A lei ser-lhes-á aplicada inexoravelmente.

Só concederemos aos grandes

João Gonçalves Martins

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

« **A MUNDIAL** »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

as facilidades que puderem ser dadas aos pequenos. Se temos coragem para dizer aos trabalhadores menos esclarecidos que não cederemos a pressões condenáveis, não podemos deixar de lembrar aos chamados grandes homens de negócios — muitos há felizmente, que não precisam de advertência — que têm de ser os primeiros a respeitar e até a ultrapassar os programas sociais do Governo, interessado em fazer justiça e em impedir que a acumulação de injustiças possa gerar as piores catástrofes.

8 — Defensores de uma hierarquia de valores e de um equilíbrio de interesses, entendemos que os deveres são tanto mais vinculativos quanto mais alto se estiver ou mais larga soma de bens se possuir. Não somos contra o grande comércio e a grande indústria, sempre que os interesses nacionais os legitimem. Não somos contra o capital, embora repudiemos a plutocracia, já por alguém apelidada de "flor do mal" do pior capitalismo, e

embora vejamos sempre com as maiores apreensões o mau e ostensivo uso da riqueza, cuja função social tão arredada anda da inteligência e do coração de alguns.

Queremos a aproximação das classes, mas julgamos que devem ser os detentores da riqueza a dar o primeiro passo. Todos unidos, na doutrina e na acção, seremos capazes de resistir e vencer a ofensiva das ideologias comunistas, mas para isto urge evitar que os cristãos continuem a abrir brecha nos fundamentos da sociedade cristã.

São estes fundamentos, afinal, que nos cumpre perseverar e robustecer, executando uma política social de concórdia, de justiça e de caridade, através da qual o homem seja tratado, não como produto do meio, da economia ou da classe, escravizado na engrenagem totalitária, mas sim como pessoa na pujante floreação da sua dignidade e personalidade, — isto é, como filho de Deus, feito à Sua imagem e semelhança.

O Snr. Dr. Veiga de Macedo anuncia a instituição das primeiras corporações

II

8 — Julga-se poder afirmar que, no decurso do próximo ano, se instituirão em Portugal as primeiras Corporações. Trabalha-se para que acontecimento de tão alto significado político e social não seja demorado por muito mais tempo, pois importa promover a consolidação orgânica do Regime, em harmonia com a doutrina que o informa e com as reiteradas declarações do Senhor Presidente do Conselho.

Não seria aconselhável esperar indefinidamente pela criação de uma consciência corporativa generalizada para se instituírem as Corporações. Essa consciência, que aliás existe mais larga e funda do que se julga, só poderá entender-se e arregar-se, quando as Corporações desempenharem o seu papel, como expressão última das forças da produção e como a mais elevada representação dos interesses do trabalho e do capital.

9 — Para que a Corporação nasça prestigiada e tenha bases sólidas, é mister, porém, que os organismos primários e intermédios se integrem desde já na pureza dos princípios e que os

dirigentes se dediquem à Organização com entusiasmo, espírito de sacrifício e consciência dos seus deveres e responsabilidades.

Importa ser claro, quando estão em jogo os mais altos interesses da Nação e do Regime.

Não se estranhará, por isso, a advertência de que os organismos corporativos não podem transformar-se em instrumentos fechados, hostis ou alheios às conveniências gerais do consumidor e da comunidade.

Não podem também servir de campo para manobras menos lícitas, convertendo-se em oligarquias, ou servindo oligarquias contrárias aos verdadeiros interesses da categoria ou grupo que representam no plano corporativo.

Tão pouco é de admitir que a Organização prejudique ou aniquile a iniciativa privada, — que a nossa doutrina, constitucionalmente consagrada, reconhece como "fecundo instrumento do progresso e da economia da Nação". Organização Corporativa não quer dizer opressão económica, e disciplina não significa atentado à liberdade e aos direitos dos mais pequenos.

(Continua no próximo número)

SECÇÃO DESPORTIVA

FUTEBOL

Nacional da II Divisão

Prosegue animadamente o Campeonato e os clubes prometem dar o brilho necessário à prova.

Desde o Boavista ao Académico de Viseu ainda se não notou nada de desânimo. Os clubes lutam insistentemente para alcançarem uma boa posição na tabela geral e salientamos até a situação do Salgueiros que trabalha afincadamente em reforçar o seu quadro de atletas com elementos de verdadeiro valor à procura do título principal.

Notável é também a acentuada recuperação do Vitória de Guimarães que de encontro para encontro dá mais nota de si também em busca dum lugar que foi obrigado a abandonar na época passada e que tão necessário se torna alcançá-lo para prestígio do desporto minhoto.

O Clube Barcelense não tem correspondido àquilo que se esperava. Infelicidade acima e infelicidade abaixo, são as notas primordiais dos encontros. Domina de princípio ao fim dum jogo e ao fim e ao cabo, por infelicidade, vem a perder ou até ganhar tangencialmente com clubes cujo resultado poderia ser expressivo. Temos que cortar a infelicidade pela raiz e o Clube tem — claro está que isto parte dos elementos que formam a equipa — defender a sua posição enquanto é tempo e dar o ânimo necessário à massa associativa.

Pê Efe

As Malhas TEBE caminham seguras do seu valor...

Confundi-las é não saber distinguir.

TEBE... Um nome que Portugal inteiro conhece.

Escola de Infantis

Como que a título de lembrança, vamos hoje levar até junto de quem de direito, uma das ideias mais importantes e fundamentais para o futuro de uma colectividade.

Agora que o Clube Barcelense — aquele que nós mais directamente temos que auxiliar —, possui um treinador que por si tem gosto e força de vontade em preparar os seus atletas, é justo que lhe lembremos a ideia de chamar ao campo desportivo aqueles rapazes ainda na flor da idade mas que são já possuidores de habilidade nata para dominarem a bola e que lhes seja isto ensinado tècnicamente como isso deve ser normalmente feito.

De facto, Eduardo é o homem indicado para preparar e orientar a escola de infantis, escola esta que num futuro próximo — se início lhe for dado —, dará a Barcelos e ao seu Clube principal, o fruto que de há muitos anos deveria ter sido colhido em proveito de uma colectividade que sempre tem precisado.

São já alguns os elementos que hoje em dia fazem parte da equipa principal do Clube Barcelense e que foram preparados, não numa escola de iniciativa deste, mas sim naqueles clubes populares que em tempos eram a alma do desporto barcelense.

Deixamos a ideia — se é que é ideia — e esperamos que em breve possamos ver esses rapazes de futuro a treinar debaixo do olhar do técnico a colherem os ensinamentos necessários para um dia virem a ser o alvo da atenção não só do povo barcelense mas sim também de todo o povo, porque muitas vezes as coisas estão aonde se não esperam.

A. Faria

De regresso do Estrangeiro

Depois de uma longa e demorada viagem, através de algumas nações da Europa, já regressou a Barcelos, acompanhado de sua Esposa o Sr. Campos Henriques, digníssimo sócio-gerente da TEBE.

«Boletim Social da TEBE» apresenta o seu cartão de bom regresso.

Cortejo de Oferendas a favor do Hospital de Barcelos

Auxiliar um hospital é contribuir para a valorização da saúde e, ao mesmo tempo, é um dever de moral, ao qual ninguém se deve escusar.

No próximo número faremos mais largas referências sobre esta iniciativa.

Nota da Redacção

Por só muito tarde nos ser entregue o original da secção desportiva, este número, saiu atrasado, do que pedimos desculpa.



Secção dirigida por JAIME FERREIRA

Comentários...

ESTÁVAMOS convencidos que não poderíamos prosseguir com a ideia que há muito trazíamos em mente: um concurso de problemas e enigmas diversos, destinado aos leitores do "Boletim Social da TEBE", por falta de concorrentes...

Penitenciamos-nos por termos, em parte, concorrido para tal. Não há dúvida que alguns dos problemas apresentados no número de Agosto do nosso "Boletim", não eram de fácil solução, melhor dizendo, obrigavam o leitor a um razoável esforço e requeriam uma regular inteligência e conhecimentos de diversa ordem. Mas também sabemos que, depois de verem as soluções que abaixo mencionamos, muitos vão dizer: — afinal era fácil; eu é que não estive com atenção. Assim, e porque os problemas que temos prontos, são bastante mais fáceis, ficamos aguardando que uma maior quantidade de leitores, venha até junto de nós, trazer-nos a sua colaboração, que o mesmo é dizer, as suas decifrações, em harmonia com os seus conhecimentos. Demais que, vamos abandonar tudo que seja estrangeiro para nos dedicarmos, pura e simplesmente ao que é nacional. Os problemas, esses são universais, pois são apresentados na nossa língua e acessíveis a todas as inteligências.

Postos estes singelos comentários, vamos entrar no âmago do nosso concurso, principiando por apresentar as

DECIFRAÇÕES

respeitantes aos problemas propostos nos nossos números de Agosto e Setembro últimos.

Da I Série:

I — Prova de Argúcia — 1 Guadiana — 2 Estremoz — 3 Vidago — 4 Estoril — 5 Suajo.

II — Prova de memória — 1 A Ilustre Casa de Ramires — 2 A Cidade e as Serras — 3 Os Maias — 4 A Relíquia — 5 A Cidade e as Serras.

III — Adivinha — SABINA.

IV — Enigma — ARE — ERA.

V — Rima de Palavras

ALBINA	CAMISOLA	CULOTE
IVONE	PULOVER	CUECA
ISOLETE	CINTA	VESTIDO
CONCEIÇÃO	CAMISA	PEÚGAS
CARLOTA	PIJAMA	COMBINAÇÃO
MARIA	BLUSÃO	CORPETE
ALMERINDA		

VI — Hiéroglifos comprimidos

- A) Um após outro
- B) Tripé
- C) Sobrevoar
- D) Astronomia

VII — Provérbios ocultos

- 1.º — Patrão fóra, dia santo na loja.
- 2.º — Para grandes males, grandes remédios.

VIII — TEM A CERTEZA?

- A — Brancas
- B — Holandesa
- C — Wagner
- D — O Rubicão
- E — 1755
- F — Bogotá
- G — 3 faixas horizontais sobrepostas (azul-branco-azul) com a imagem do Sol a meio da faixa branca.
- H — Mondego
- I — Ao nascer
- J — Sá de Miranda. Século XVI.
- L — Uma máscara
- M — Alexandre Dumas, pai.

Da II Série:

I — Prova de argúcia

Faltava um quarto para as duas.

II — Prova de memória

As pupilas do senhor Reitor.

III — Paciência gramatical

ELVAS — LEVAS — SELVA — SAVEL — VELAS — VALE
SALVE — VALSE — LAVES — ALVES.

IV — Problema simples

200\$00 que deu ao gatuno mais os 800\$00 do valor da bicicleta, dá um total de Esc. 1.000\$00.

V — Rima de palavras

COIMBRA	PORTO
GUARDA	BARCELOS
SETÚBAL	LOBITO
COVILHÃ	BENGUELA
FARO	
LISBOA	

VI — Adivinha

Uma uva (que não passou).

Resta-nos, portanto apresentar o quadro dos campeões. Gostamos de o ver mais bem guarnecido. Mas temos esperança que ainda haverá luta interessante entre alguns dos solucionistas do nosso passatempo.

Depois de devidamente atribuídos os pontos às respostas certas recebidas dos nossos amigos leitores fica assim constituído o quadro dos campeões referente aos problemas da I e II Série

QUADRO DOS CAMPEÕES

Licínio Waldemar Esteves — Barcelos	4,9 pontos
ODAGLED — Barcelos	1,7 pontos

=====

III Série

Vamos apresentar a seguir os problemas que vão constituir 3.ª Série do nosso Passatempo. As soluções deverão ser-nos enviadas até ao dia 10 do próximo mês de Novembro, afim de as podermos tomar em consideração, com vista ao quadro de campeões aos prémios que estamos procurando obter para distribuímos pelos vencedores que maior número de pontos obtenham até ao fim deste concurso.

I — Prova de argúcia

Um rapaz foi às laranjas a um quintal. Colheu as que lhe apeteceu e no regresso encontrou um guarda da quinta que lhe perguntou o que levava no saco. — Laranjas, respondeu. — Pois para saíres, tens que me dar metade das laranjas que aí levavas mais metade de uma laranja; mas não podes partir nenhuma. — Sim, senhor. O rapaz, que era esperto, fez a divisão e o guarda deixou-o seguir o seu caminho.

À saída, encontrou outro guarda que lhe fez a mesma pergunta e o obrigou a repartir com ele as laranjas de igual maneira, isto é, metade das que lhe restavam e mais meia laranja. Ele assim fez e conseguiu chegar a casa.

Pergunta-se: — Quantas laranjas colheu o rapaz? Quantas levou para casa?

II — Maçada geográfica

Formar com as letras seguintes, o nome correspondente à designação dada:

AAAMFILOC	— Vila portuguesa
JOET	— Rio português
VAREGAL	— Provincia portuguesa
RESELAT	— Serra portuguesa

III — Paciência matemática

Somando a idade de 3 pessoas obtemos o total de 100 anos. Uma dessas pessoas tem mais 10 anos que outra e a terceira tantos anos como as outras duas juntas. Quantos anos tem cada uma das 3 pessoas?

IV — Adivinhas

- a) — Qual é a figueira que não se parece com uma árvore?
- b) — Qual é o distrito português que não é do pé?
- c) — Qual é o cabo que não é preto nem branco?
- d) — Qual é a ilha portuguesa que está em quase todos os jardins?
- e) — Qual é o rio português que sabe mais?
- f) — Qual é a cidade portuguesa que tem o nome mais curto?
- g) — Qual é a cidade portuguesa que tem o nome mais comprido?

V — Passatempo familiar

Sete raparigas, amigas umas das outras, Elsa, Noémia, Marta, Lucinda, Milu, Lena e Alonsa, têm cada uma um irmão. Para sabermos os nomes desses irmãos, basta mudar uma letra nos

A propósito do aniversário do nosso «Boletim»

Uma carta sincera e espontânea que fala alto e que, com grande prazer, damos a devida publicação, expressando, com toda a paz da nossa alma, os agradecimentos mais sinceros.

«Ex.^{mo} Snr.

António Baptista

Digno Director do «Boletim Social da TEBE»

BARCELOS

Prezado Senhor:

É com grande satisfação que vimos à presença de V. para lhe apresentarmos, e aos dignos Companheiros de redacção, os nossos parabéns sinceros pela passagem do aniversário do «Boletim Social da TEBE» por nós apreciado por embalar a nossa saudade e nos dizer do progresso e engrandecimento desse recanto onde muitos de nós tivemos o nosso berço e, aqui, bem longe, relembramos e reverenciamos neste templo MINHOTO, que é a nossa «CASA DO MINHO».

Muito gratos pela remessa, e com os votos das maiores prosperidades para o «BOLETIM» e para os seus mantenedores, queira aceitar os protestos da nossa elevada consideração, subido apreço e mui respeitosa estima.

Manuel Fernandes de Brito Filho
SECRETÁRIO

Rio de Janeiro, 6 de Outubro de 1955.

«O Barcelense» referiu-se ao nosso «Boletim» em termos amigos, que muito agradecemos e que nos apraz registar:

«Com um número especial, comemorou o 2.º ano de publicidade este nosso estimado colega, de que é Director o nosso amigo, Snr. António Baptista, denodado Jornalista e excelente Poeta-futurista. Parabéns».

Ao seu director, Snr. Rogério Calás de Carvalho, os nossos agradecimentos.

nomes das suas respectivas irmãs e dispôr doutra forma as restantes letras.

Queiram, portanto, dizer-nos como se chamam os sete rapazes.

VI — Hiéroglifos comprimidos

FE 51 LISBOA

Nota 51 cifra na Sado

1000 e 50 ro

1000 o Beja

VI — Parentesco complicado

Que te é a ti, caro leitor, a mãe da sogra da mulher do teu irmão?

Cada problema vale um ponto, e os passatempos que têm mais de uma pergunta são subdivididos em décimos de ponto, para efeito de contagem e classificação.

Para terminar, devemos ainda informar os nossos estimados leitores de que para efeito de classificação, ainda estão a tempo de concorrer ao presente concurso, pois os pontos são contados segundo as respostas certas que recebermos. Gostaríamos de receber as decifrações de uma ou mais concorrentes do sexo feminino, pois esperamos poder indicar que, entre os prémios a atribuir, um será destinado expressamente à concorrente feminina que melhor classificação obtiver.

Ficamos, portanto, à espera dos vossos trabalhos, com a maior brevidade possível, pois só assim o nosso concurso terá interesse e despertará em nós vontade de prosseguir.

À obra, pois, estimados leitores...

O Jogral de Nossa Senhora

(Continuação da página 8)

capela, o Superior correu, acompanhado de dois veneráveis do convento, a espreitar, através das fendas da porta, o que se passava no interior. E viram que diante do altar da Virgem lá estava Barnabé, a cabeça para baixo, pés no ar, fazendo peloticas com seis bolas de cobre e doze facas. Executava, em louvor à Santa Virgem Mãe de Deus, as habilidades que lhe tinham valido os maiores elogios. Não compreendendo, porém, que o pobre homem punha, assim, o seu talento e saber ao serviço da Virgem, os dois veneráveis clamaram por sacrilégio. O prior sabia que Barnabé era uma boa alma: julgou, porém, que tivesse sido atacado de loucura. E os três aprestavam-se a arrastá-lo da capela, quando viram a Santa Virgem descer dos degraus do altar, para enxugar com a ponta do manto azul o suor que escorria da frente do seu jogral.

O prior, então, prosternando o rosto nas lajes, disse:

— Bem-aventurados os simples porque deles será o Reino dos Céus!

— Amém! — responderam os veneráveis, beijando o chão.

Anatole France

INVERNO

A minha árvore

deu as folhas ao vento.

Seu tronco está amarelo,

não acolhe ninguém:

é um corpo de viúva

— idoso, gasto, feio, nu.

Esperemos! O tempo

há-de trazer-lhe folhas

e vesti-la de flores.

Para a sua sombra

voltarão abraços e beijos.

Para os seus ramos

voltará o violino das aves.

— Reviverá.

Para minha alma cansada,

triste, talvez volte também,

um dia, a primavera...

Alberto de Serpa

Para a Índia Portuguesa

O operário da TEBE, Jorge Sameiro Torres de Carvalho apresentou-nos cumprimentos de despedida em virtude de se ausentar para a Índia Portuguesa afim de ali prestar serviço militar.

«Boletim Social da TEBE» agradece a sua gentileza e faz votos por uma boa viagem e inúmeras venturas.

D. Maria Anátide Freitas Pinto Ferreira

Depois de grande sofrimento faleceu, no passado dia 18 (terça-feira), na sua residência, Largo José Novais, a Senhora D. Maria Anátide Freitas Pinto Ferreira, de 36 anos de idade, natural do Porto e casada com o nosso colaborador, Jaime Ferreira.

O funeral que se realizou, no dia seguinte, foi muito concorrido e constituiu uma rolagem de saudade.

Deixou quatro filhos menores, Luísa Eugénia, Jaime Manuel, José Luís e Ana Maria.

«Boletim Social da TEBE» envia o seu cartão de pesar à família enlutada.

As Malhas TEBE dispensam reclamações aparatosas porque, perfeitas e seguras, concebidas por mãos portuguesas, vestem Portugal, e vão, por vezes, mais longe ainda...

A Nossa Língua

Retalhos de Maria Clara

Zumbido e zunido

Há muita boa gente que confunde, por vezes, estes dois vocábulos; porém é conveniente distingui-los, pois a significação de cada é diferente.

ZUMBIDO — é o sussurro das abelhas, mosquitos, moscas, e outros insectos alados.

ZUNIDO — é o som agudo do vento enfiado e coado por gretas, ou de qualquer corpo que vá zunindo pelo ar, como balas, discos, etc.

Zumbido corresponde ao bourdonnement dos franceses e Zunido ao sifflement.

(Do livro «Língua Portuguesa», de J. Roquete e José da Fonseca)

Casamentos são enganos,

Enganos são tentações...

E quem se casa não pensa,

Matando sempre ilusões.

António Baptista

Este número foi visado pela
— COMISSÃO DE CENSURA —

Os melhores contos dos melhores contistas

NOS tempos do rei Luís, havia em França um pobre jogral, natural de Compiègne, de nome Barnabé, que ia de terra em terra executando acrobacias e malabarismos.

Nos dias de feira ele estendia na praça pública um velho tapete roto, e após atrair as crianças e os basbaques com graciosos recitativos decorados com um velho vagabundo, e nos quais ele nunca introduzia a mínima alteração, assumia atitudes estranhas e punha-se a equilibrar, na ponta do nariz, uma bandeja de estanho.

A princípio, a multidão cercava-o com indiferença. Mas quando, de mãos no chão, cabeça para baixo, lançava ao ar e tornava a apanhar com os pés seis bolas de cobre que brilhavam ao sol, ou quando, torcendo-se até que a nuca tocasse os calcanhares, dava ao corpo a forma de um arco perfeito e, nessa posição, começava a fazer malabarismo com doze facas, um murmúrio de admiração erguia-se da assistência e as moedas choviam no tapete.

Como todos que vivem do seu talento, porém, a vida de Barnabé de Compiègne era muito dura. Ganhando o seu pão com o suor do rosto, ele arcava com uma parte maior do que a que lhe cabia no castigo imposto a Adão, nosso pai. Além disso, não podia trabalhar tanto quanto desejava.

Para demonstrar as suas habilidades carecia, como as árvores necessitam para dar flores e frutos, do calor do sol e da luz do dia. Durante o inverno, não passava de uma árvore despojada de folhas e quase morta. A terra recoberta de neve era cruel para com o jogral. E como a cigarra de Maria de França, padecia frio e fome durante a época hibernal. Mas, como era uma alma simples, aceitava os seus males com resignação.

Nunca meditava na origem das riquezas e na desigualdade das condições humanas. Cria firmemente que se este mundo é mau, o outro não podia deixar de ser bom, e essa esperança sustentava-o. Não imitava os farsantes cínicos que venderam a alma ao diabo. Jamais blasfemava o nome de Deus; vivia honestamente e, embora não tivesse mulher, não desejava a do vizinho, porque a mulher é inimiga dos homens fortes, segundo a história de Sansão, que vem contada na Escritura.

Na verdade, não era inclinado aos desejos da carne e custava-lhe mais renunciar aos canecões de vinho do que às damas, pois, sem atentar contra a sobriedade, gostava de beber.

Era, enfim, um homem de bem, temente a Deus e muito devoto

O Jogral de Nossa Senhora

da Santa Virgem. Quando entrava numa Igreja jamais deixava de se ajoelhar diante da Mãe de Deus e de lhe dirigir a seguinte oração:

“Senhora, tomai-me sob a vossa protecção até que Deus me chame, e, quando eu morrer, concedei-me as delícias do Paraíso”.

Ora, uma noite, após um dia de chuva, enquanto caminhava, triste e curvado, levando sob o braço as bolas e as facas embrulhadas num velho tapete, à procura de qualquer canto onde passar a noite, sem ceia, deparou, na estrada, com um frade que seguia o mesmo caminho e saudou-o respeitosamente. Como caminhassem no mesmo passo, puseram-se a conversar.

— Companheiro — disse o religioso — de onde vens que estás todo vestido de verde? Não será para interpretar o papel de louco nalgum Mistério?

— Não é bem isso, meu padre — respondeu Barnabé. — Aqui me vedes, chamo-me Barnabé e sou jogral de profissão. Esta seria a mais bela vida do mundo se pudéssemos comer todos os dias.

— Amigo Barnabé — retorquiu o frade — atenta nas tuas palavras. Não há vida mais bela que a monástica. Nela erguemos louvores a Deus, à Virgem e aos santos, e a vida do religioso é um perpétuo cântico ao Senhor.

Barnabé respondeu:

— Meu padre, confesso que falei como um néscio. Vosso estado não pode ser comparado ao meu, e por maior que seja o mérito em saber dançar mantendo na ponta do nariz uma moeda em equilíbrio numa vareta, de nada vale em comparação com o vosso. Bem que eu gostaria de poder, como vós, meu padre, cantar todos os dias a oração, especialmente a oração da muito Santa Virgem, a quem voto particular devoção. Renunciaria de bom grado à arte em que sou conhecido, de Soissons a Beauvais, em mais de seiscentas cidades e vilas, para abraçar a vida monástica.

O frade ficou comovido com a simplicidade do jogral e, como não carecia de discernimento, reconheceu em Barnabé um desses homens de boa vontade dos quais Nosso Senhor disse: “Que a paz seja com eles na terra!” Foi por esse motivo que respondeu:

— Amigo Barnabé, vem comigo e eu far-te-ei entrar para o convento do qual sou prior. A que conduziu Maria Egípcia ao deserto pôs-me no teu caminho para te levar à senda da salvação.

E assim se tornou frade Barnabé.

No convento em que foi admitido, os religiosos rivalizavam-se no esmero que dedicavam ao culto da Santa Virgem, nele empregando toda a sabedoria e toda a habilidade que Deus lhes havia concedido.

O prior escrevia livros que tratavam, segundo as regras da escolástica, das virtudes da Mãe de Deus. O Irmão Maurício copiava, com mão experimentada, esses tratados em tiras de pergaminho. O Irmão Alexandre iluminava as páginas com finas miniaturas que apresentavam a Rainha do Céu sentada no trono de Salomão, ao pé do qual velavam quatro leões; ao redor da sua testa nimbada, pairavam sete pombas que são os sete dons do Espírito Santo; dons de crença, de piedade, de ciência, de força, de clarividência, de inteligência e de sabedoria. Tinha por companheiras seis virgens de cabelos de ouro: a Humildade, a Prudência, o Recato, o Respeito, a Virgindade e a Obediência.

A seus pés, duas pequenas figuras nuas e muito brancas mantinham-se em suplicante atitude. Eram almas que imploravam a própria salvação e não, com certeza, inutilmente, a Sua todo-poderosa intercessão.

Numa outra página, o Irmão Alexandre apresentava Eva ao lado de Maria a fim de fazer o contraste entre o pecado e a redenção, entre a mulher humilhada e a Virgem exaltada. Nesse livro podiam-se admirar, também, imagens do Poço das Águas Vivas, da Fonte, do Lírio, da Lua, do Sol e do Jardim Fechado, citado no “Cântico”, da Porta do Paraíso, e da Cidade de Deus — e todas eram imagens da Virgem. Talhava sem cessar imagens de pedra, de maneira que a sua barba, as sobrancelhas e os cabelos estavam sempre brancos de pó, e os seus olhos perpétuamente inchados e lacrimejantes; mas, apesar da idade, estava cheio de força e alegria; evidentemente, a Rainha do Céu protegia a velhice do seu filho. Marbode representava-a numa cadeira, a fronte nimbada de pérolas. E punha todo o cuidado em que o manto cobrisse os pés daquela de quem o profeta disse: “A minha bem-amada é como um jardim fechado”.

Às vezes, também a representava com traços de uma criança, cheia de graça que parecia dizer: “Senhor, vós sois meu Senhor!” E no convento havia, também, poetas que compunham, em latim, prosa e hinos em louvor da bemaventurada Virgem

Maria, e ali se encontrava, até um Picard que vertia os milagres de Nossa Senhora para língua vulgar e para versos rimados.

Diante de tal espectáculo de louvores e de tão bela floração de obras, Barnabé lamentava a sua ignorância e tacanhês.

— Ai de mim! — suspirava, passeando solitariamente pelo jardim sem sombras do convento — ai de mim! que sou bem desgraçado de não poder, como meus irmãos, louvar dignamente a Santa Mãe de Deus a quem dediquei a ternura do meu coração! Ai de mim, que sou um homem rude e sem ilustração e que não tenho para vosso culto, ó Senhora Virgem, nem sermões edificantes, nem tratados bem desenvolvidos segundo as regras, nem finas pinturas, nem estátuas bem esculpidas, nem versos bem rimados e ritmados! Ai de mim! que nada tenho!

Ele chorava a sua sorte e abandonava-se à tristeza.

Numa noite em que os frades se recreavam conversando, Barnabé ouviu referir a história de um religioso que não sabia recitar outra coisa senão a Ave-Maria. Esse frade era desprezado pela sua ignorância; mas, na hora da morte, brotaram-lhe da boca cinco rosas em louvor às cinco letras do nome de Maria, e assim a sua santidade se manifestou.

Ouvindo essa narrativa, Barnabé sentiu crescer a admiração pela vontade da Virgem: mas não se sentiu consolado pelo exemplo dessa bem-aventurada morte, pois o seu coração estava repleto de zelo e ele queria realmente servir a glória da Senhora que está nos céus.

Passava os dias procurando os meios sem poder encontrá-los e a sua aflicção aumentava de momento a momento, até que certa manhã, acordando cheio de alegria, correu à capela e lá permaneceu, sozinho, durante mais de uma hora. À tarde tornou a voltar.

E, a partir desse momento, ia todos os dias à capela, precisamente à hora em que ela estava deserta, e ali passava grande parte do tempo que os outros frades consagravam às artes liberais e às mecânicas. E não mais andava triste e não mais se lamentava.

Tão singular conduta despertou geral curiosidade.

Perguntavam, no convento, por que razão o Irmão Barnabé se dedicava a tão frequentes retiros. O prior, cujo dever é nada ignorar da vida dos seus religiosos, resolveu vigiar Barnabé. Portanto, um dia em que este se fechara, como habitualmente, na

(Continua na página 7)